

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**EDINÉIA ORIBKA**

**A ESCOLA E AS EXPECTATIVAS DOS JOVENS NO ENSINO MÉDIO  
INTEGRADO: RETRATANDO UMA REALIDADE NA REGIÃO  
METROPOLITANA NORTE DE CURITIBA**

**CURITIBA  
2008**

**EDINÉIA ORIBKA**

**A ESCOLA E AS EXPECTATIVAS DOS JOVENS NO ENSINO MÉDIO  
INTEGRADO: RETRATANDO UMA REALIDADE NA REGIÃO  
METROPOLITANA NORTE DE CURITIBA**

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista no curso de Pós- Graduação em Organização do Trabalho Pedagógico, 8ª. turma, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>.Dr.<sup>a</sup> Rosicler Terezinha Goedert

**CURITIBA  
2008**

Dedico este trabalho ao meu sobrinho Giovane de Melo, de 19 anos, que com seu silêncio me ensinou a valorizar a vida, a família, e a me importar com o que realmente importa.

Agradeço a Deus, divina luz, presente em nossas vidas... E também a todos e todas que contribuíram para a realização desse estudo. Em especial, a orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosicler Terezinha Goedert; a minha família, pela compreensão durante minhas ausências para cuidar do Giovane e ao companheiro Ronaldo pelo apoio e incentivo.

*"Uns queriam um emprego melhor;  
outros, só um emprego.*

*Uns queriam uma refeição farta;  
outros, só uma refeição.*

*Uns queriam uma vida mais amena;  
outros, apenas viver.*

*Uns queriam pais mais esclarecidos;  
outros, ter pais.*

*Uns queriam ter olhos claros;  
outros, enxergar.*

*Uns queriam ter voz bonita;  
outros, falar.*

*Uns queriam silêncio;  
outros, ouvir.*

*Uns queriam sapato novo;  
outros, ter pés.*

*Uns queriam um carro;  
outros, andar.*

*Uns queriam o supérfluo;  
outros, apenas o necessário".*

*(Chico Xavier)*

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo identificar as expectativas dos jovens em relação à Escola e ao Mundo do Trabalho. Para tanto pesquisou um grupo de jovens que freqüentam o Ensino Médio Integrado em uma escola pública de Colombo-PR, município da Região Metropolitana Norte de Curitiba. Através da análise de documentos, da aplicação de questionários e da realização de entrevistas foi possível recolher e tratar as opiniões manifestadas por estes jovens simultaneamente estudantes e trabalhadores. Para isso foi necessário estabelecer um diálogo com autores que tratam da Juventude e do Ensino Médio, entre eles: SALLAS (1999), KUENZER (2001) e SPÓSITO (2005), o que nos possibilitou reconhecer a condição de vida juvenil no processo de escolarização no e para o mundo do trabalho. Concluiu-se que esses jovens - das camadas populares - reconhecem a escola como espaço educativo e de transmissão de conhecimento, e apostam na escolarização para obter sucesso profissional e ascensão social.

*Palavras-chave:* Juventude; Expectativas; Trabalho; Escola; Ensino Médio Integrado.

## **ABSTRACT**

his study's goal is to identify the expectations of youngsters in relation to the school and the work world. For this purpose a group of youngsters who attend Integrated Middle School in a public school in Colombo-PR, a city in the North of the Metropolitan Region of Curitiba, was studied. Through the analysis of documents, the handing out of questionnaires and the realization of interviews it was possible to collect and process the opinions manifested by these youngsters who are simultaneously students and workers. For this it was necessary to establish a dialog with authors who study Youth and Middle School, among them SALLAS (1999), KUENZER (2001) and SPÓSITO (2005); this allowed the study to recognize these youths' living conditions in the schooling process in and for the work world. This study concludes that this group of youngsters – from the popular layers – recognize School as an educative space and of transmission of knowledge, and bet on the schooling process as a mean to obtain professional success and to ascend socially.

*Key Words:* Youth; Expectations; Work; School; Integrated Middle School.

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>APMF -</b>	<b>Associação de Pais, Mestres e Funcionários</b>
<b>EJA -</b>	<b>Educação de Jovens e Adultos</b>
<b>EMI -</b>	<b>Ensino Médio Integrado</b>
<b>EPPEMI -</b>	<b>Escola Pública Pesquisada do Ensino Médio Integrado</b>
<b>SEED/PR -</b>	<b>Secretaria de Estado e Educação</b>

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. A ESCOLA E AS EXPECTATIVAS DOS JOVENS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: RETRATANDO UMA REALIDADE.....</b>	<b>14</b>
1.1 <b>RELAÇÕES DOS JOVENS ESCOLARES COM A ESCOLA DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO E O MUNDO DO TRABALHO.....</b>	<b>21</b>
1.1.1 <b>Na Opinião Dos Jovens O Que A Escola Do Ensino Médio Integrado Deveria Oferecer.....</b>	<b>27</b>
1.1.2 <b>O Que É Ser Jovem – Conceituando Juventude(S).....</b>	<b>29</b>
<b>2 ENSINO MÉDIO INTEGRADO: ENTRE JOVENS, ESTUDANTES E TRABALHADORES(AS).....</b>	<b>36</b>
2.1 <b>PARA OS JOVENS O SIGNIFICADO DO TRABALHO, AS POSSIBILIDADES DE OBTENÇÃO DE EMPREGO E AS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.....</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

As reflexões e análises deste estudo partem inicialmente das experiências, como estudante e trabalhadora, da autora deste trabalho. Sua trajetória profissional, iniciada em 1999, como professora de escola pública, em conjunto com suas leituras dirigidas na área da Educação, despertaram-lhe o interesse de conhecer os “jovens” que freqüentam o Ensino Médio Integrado - neste caso - os jovens moradores da cidade de Colombo, na região metropolitana norte de Curitiba, PR. Considerando esse contexto sócio-cultural e econômico, procurou-se formular um questionário sobre as suas expectativas (como jovens no campo escolar) em relação ao mundo do trabalho.

Cabe ressaltar que a autora mesma trabalhou desde a infância vivenciando, nas mais diversas configurações, as relações existentes entre o processo escolar e as condições do mundo do trabalho. Não houve transição da escola para o mercado de trabalho, mas, ao contrário, foi a oportunidade de trabalho que lhe possibilitou permanecer na escola.

Quando já uma era estudante universitária, a autora iniciou carreira no Magistério, como professora nas séries iniciais do Ensino Fundamental; na Educação de Jovens e Adultos (EJA) trabalhando com alfabetização e ministrando a disciplina de História. Atualmente trabalha como professora de História em uma escola pública da rede estadual no município de Colombo-PR.

Foi a partir destas experiências que pôde identificar que as relações com o trabalho são parte integrante do cotidiano dos estudantes, tanto daqueles que freqüentam a Educação de Jovens e Adultos como da maioria dos jovens do Ensino Médio (EM) da região metropolitana.

Nessa trajetória foi possível perceber que embora cada ente humano possua interesses e necessidades próprias, a Escola precisa levar em conta os saberes construídos pelos estudantes trabalhadores, percebendo-os como sujeitos cotidianos, criativos e sociais.

A condição dos jovens estudantes e trabalhadores e a experiência da autora como professora na região estudada, contribuiu para a escolha da Escola Pública Pesquisada do Ensino Médio Integrado (EPPEMI), que em sua proposta integra a formação humana à formação profissional de nível técnico. Neste sentido, este trabalho justifica-se pelo interesse de pesquisar um grupo de jovens que freqüentam a EPPEMI, buscando identificar elementos que permitam reflexões sobre as suas expectativas como jovens estudantes-trabalhadores em relação à escola e ao mundo do trabalho.

Para isto foi elaborado e aplicado um questionário com questões abertas e semi-abertas (Anexo I) e posteriormente foram realizadas as entrevistas (Anexo II) com um grupo voluntário de dezessete jovens escolares entre quinze e vinte e cinco anos de idade, que freqüentam o período noturno. Destes jovens, quinze freqüentam o 2.º ano e dois o 3.º ano do curso de Informática no Ensino Médio Integrado, sendo que deste grupo, oito jovens são do sexo masculino e nove jovens são do sexo feminino.

No que se refere a faixa etária destes jovens, pode-se destacar que apenas um tem quinze anos; três têm dezesseis anos; quatro têm dezessete anos; três têm dezoito anos; um tem dezenove anos; três têm vinte anos; um tem vinte e um anos e um jovem tem vinte e cinco anos. Desse grupo quatorze jovens moram com os pais, um jovem com esposo(a) e dois jovens com outros familiares.

A partir deste conjunto de jovens colaboradores(as) sujeitos desta pesquisa, coletaram-se dados referentes ao nível socioeconômico e cultural, bem como do nível socioeconômico familiar. Isso possibilitou o reconhecimento do contexto em que estes jovens vivem. Reconheceu-se também as ocupações profissionais exercidas pelos pais e mães dos jovens, destacando-se as seguintes funções: autônomo, agricultor, porteiro, taxista, mestre de obras, engenheiro, funcionário público, motorista, técnico em refrigeração e elétrica, técnico em panificação, aposentada, do lar, pensionista, cozinheira, almoxarifado, vendedora, técnica em gestão e recursos humanos, babá, vendedora, psicóloga, professora, copeira, diarista.

Quanto ao nível de escolaridade de seus pais, recolheram-se as seguintes informações dadas pelos jovens: uma mãe possui Curso Superior Completo, duas mães têm Curso Superior Incompleto, duas mães completaram o Ensino Médio, quatro mães cursaram o Ensino Médio, mas não o completaram, três mães têm o Ensino Fundamental Completo e quatro mães o Ensino Fundamental Incompleto. Entre os pais, cinco deles completaram um curso Superior, um pai concluiu o Ensino Médio e três pais cursaram o Ensino Médio, mas não o completaram, um pai cursou o Ensino Fundamental Completo e três pais cursaram o Ensino Fundamental, porém, Incompleto. Entre esses jovens entrevistados alguns não souberam responder, pois não têm contato com os pais.

Sobre a condição econômica de renda mensal das famílias, dos dezessete jovens da EPPEMI: quatro jovens afirmaram que suas famílias alcançam uma renda mensal de até quatrocentos e trinta reais; outros quatro jovens afirmaram que a renda é em média de oitocentos e sessenta reais; oito jovens disseram que a renda familiar é de até mil duzentos e noventa reais; e um dos jovens afirmou que a renda mensal é de mais de dois mil e duzentos e cinquenta reais. Uma parte significativa das famílias tem a mãe como chefe de família, alguns sequer têm contato com o pai.

A partir do tratamento desses instrumentos -questionários e entrevistas- associados à análise da Proposta do Ensino Médio Integrado da SEED/PR e do Projeto Político Pedagógico da EPPEMI, estabeleceu-se um diálogo em conjunto com os resultados de outras pesquisas que tratam da Juventude e do Ensino Médio, entre elas SALLAS (1999), KUENZER (2001); SPÓSITO (2005) o que nos possibilitou apontar e interpretar alguns elementos das expectativas dos jovens escolares em relação à Escola e o mundo do trabalho.

Deste modo, a partir dessas relações associadas à fundamentação e apoiando-se nos elementos metodológicos do estudo de WILLIS (1991), foi possível tratar e apresentar os resultados desta pesquisa nos seguintes capítulos:

O primeiro capítulo, intitulado *A Escola e as Expectativas dos Jovens no Ensino Médio Integrado: Retratando uma realidade*, parte do contexto sócio-cultural dos jovens da EPPEMI e de indagações acerca de suas expectativas no

campo escolar e no mundo do trabalho, objetivando a compreensão de como se relacionam com a escola, o trabalho e a família. Para isto, buscamos na análise da proposta do Ensino Médio Integrado no estado do Paraná com o apoio dos dados presentes no Projeto Político Pedagógico da EPPEMI, evidenciar a preocupação e o reconhecimento destes jovens para com o processo de inserção no mercado de trabalho e da escola como um espaço educativo de conhecimento, socialização e lazer. Destacamos neste capítulo o significativo crescimento do acesso à escola por parte da população juvenil, associando os depoimentos dos jovens da EPPEMI com o que esta instituição, tratando-se de um espaço social, deveria oferecer.

No segundo capítulo *Ensino Médio Integrado: entre jovens, estudantes e trabalhadores(as)*, apresenta-se, através da análise da Proposta Pedagógica da Escola e dos relatos dos professores(as), da equipe pedagógica e da direção da EPPEMI em conjunto com os depoimentos colhidos no questionário e nas entrevistas, os temas juvenis de interesse dos jovens escolares pesquisados; os projetos desenvolvidos pela instituição escolar; os conflitos observados no interior da escola entre os jovens e os professores(as); as expectativas em relação ao curso escolhido - no caso o curso de Informática do EMI - o significado do trabalho e algumas perspectivas quanto ao futuro profissional desse grupo de jovens.

Como fechamento desta pesquisa tece-se considerações que permitem observar que os jovens depositam confiança na Escola como espaço de aprendizagem e socialização e esperam a possibilidade de realização profissional e de mobilidade social no futuro, após a conclusão do curso.

## **1. A ESCOLA E AS EXPECTATIVAS DOS JOVENS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: RETRATANDO UMA REALIDADE**

Pensar a Escola e a Juventude e suas relações com as expectativas no mundo do trabalho, faz reconhecer que a organização pedagógica das escolas muitas vezes não contempla a certificação que favoreça a mobilidade e o desenvolvimento profissional, pois os cursos oferecidos se apresentam de forma fragmentária, os currículos não são integrados, conseqüentemente ocorre um aligeiramento da formação oferecida através de cursos segmentados e de cargas horárias mínimas e insuficientes.

Observa-se que a escola limita-se a oferecer uma aprendizagem restrita, amparada no mito da “empregabilidade”<sup>1</sup>. Evidencia-se a falta de recursos humanos qualificados, assim como o arrocho salarial dos profissionais da Educação, o que estimula o abandono dos profissionais da carreira docente ou do regime de dedicação exclusiva. Com isto, instalou-se no sistema educativo brasileiro a rotatividade de professores, ocorrendo a admissão de substitutos com contratos precarizados, gerando uma situação de instabilidade nas instituições educacionais.

Foi possível reconhecer, a partir da experiência da autora como docente de aproximadamente dez anos, que existem grupos de jovens e adultos marcados pela exclusão profissional e educacional, na sua maioria moradores de bairros da periferia, sem moradia fixa e sem vínculo empregatício, que através do processo

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Gaudêncio Frigotto em seu artigo: “Educação e a Construção Democrática no Brasil - Da Ditadura civil-militar à Ditadura do capital”. Para o autor, com o advento do Neoliberalismo a educação básica perde a sua dimensão de formação e construção humana e social e reduz-se ao ‘fator econômico’: formar as competências técnicas, específicas e gerais e as competências sociais que as empresas e os empresários estipulam. Trata-se de uma educação que tem como epílogo a formação do ‘cidadão mínimo’ - Ver Fávero & Semeraro (org.), Democracia e Construção do Público no Pensamento Educacional Brasileiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

de escolarização buscam a inclusão e ou a permanência no mercado de trabalho formal e informal<sup>2</sup>.

Algumas das formas de exclusão no campo educacional são analisadas por Spósito (1998, apud Andrade, 2000, p. 91), como a impossibilidade de freqüentar a escola na idade própria e os perversos mecanismos intra/extra escolares, e as distorções de idade e série, juntamente com os baixos níveis de conclusão da educação.

Quando o acesso à educação e a obtenção de títulos não vêm acompanhada da qualidade de ensino e da valorização dos profissionais formados, gera-se uma desvalorização da educação das camadas populares, que é destacada nos estudos de Andrade (2000, p. 91), quando chama a atenção para o fato que “os títulos sempre valem o que valem seus detentores, um título que se torna mais freqüente torna-se por isso mesmo desvalorizado, mas perde ainda mais seu valor por se tornar acessível a pessoas sem valor social”.

Foi na perspectiva de observar a Educação e as desigualdades sociais que a autora buscou a EPPEMI, por ser a receptora da maioria dos jovens residentes no bairro, jovens estes que vivem em condições de extrema pobreza e exclusão e que apostam na certificação para adentrar no mercado de trabalho.

Pode-se dizer que a exclusão como a juventude, são termos construídos socialmente e, portanto, manipulados e manipuláveis.

Dessa forma, impõe-se a necessidade de se falar em ‘juventudes’, designando não só as diferenças de classes e etnias, mas principalmente a heterogeneidade cultural presente no meio juvenil. Pois os jovens, principalmente das camadas populares, possuem uma diversidade de estilos, que se expressa através de diferentes grupos culturais, movimentos e tendências juvenis existentes.

É preciso estudar os espaços sociais aonde os jovens vem se reproduzindo e sendo produzidos como seres sociais. No Brasil, são poucos os

---

<sup>2</sup> O mercado formal de trabalho garante aos trabalhadores direitos conquistados no decorrer dos tempos e assegurados pelas legislações trabalhistas. Já o trabalho no mercado informal, muitas vezes, vem acompanhado de condições e contratos precarizados em empresas terceirizadas, por exemplo.

espaços de estudos, debates e formulações políticas que tenham o jovem como foco. Assim entende-se que ao discutir propostas para o Ensino Médio exige-se discutir e compreender a Juventude.

Com as mudanças ocorridas na sociedade globalizada, maior acesso às informações, processo de mudança nas instituições como a família, a escola, o trabalho entre outras, se alteram os espaços de socialização. Pode-se perguntar: quem é esse jovem? Quais são as suas expectativas?

Tomou-se por base para tratar estas questões os elementos metodológicos do estudo de Willis (1991), o qual apresenta a escola como um espaço de contradição podendo preparar o aluno para desempenhar funções manuais e funções intelectuais. Para Willis (1991, p. 26) as escolas não podem ser estudadas como simples unidades. Elas têm pelo menos três níveis, que se podem descrever como “o oficial, o pragmático e o cultural”.

a) No nível oficial, é provável que uma instituição tenha uma descrição formal de seu objetivo com relação à sua visão das características estruturais e organizacionais principais da sociedade e de como elas se inter-relacionam (ou como elas podem ser obrigadas a se inter-relacionar).

b) No segundo nível, o pragmático, as ideologias e fins oficiais são mediados aos agentes e funcionários de instituições particulares. É provável que eles concordem com alguma parte das justificativas mais teóricas da ideologia “oficial” predominante, mas eles estão também interessados em seus próprios problemas de controle e direção face-a-face e nas pressões

cotidianas de sua própria sobrevivência no interior da instituição que lhes tocou fazer funcionar. Dessa forma, adotam ideologias recentemente sancionadas, na medida que estas podem fornecer ajuda real e prática.

c) No terceiro nível, “abaixo” dos outros, estão as formas culturais de adaptação dos clientes da instituição na medida em que sua experiência externa de classe interage com as exigências e processos práticos das instituições, tais como eles o atingem. (...) embora a escola, por exemplo, não seja eficaz da forma que ela espera ser, é um local extremamente importante, e a causa próxima do renascimento de uma cultura oposicionista de classe. (...) esse renascimento conduz a mudanças e refinamentos na ocupação subjetiva da força de trabalho que levam a resultados muito concretos. (Willis, 1991, p. 216-217).

Foi neste conjunto que olhou-se a EPPEMI, onde na descrição formal do curso de Informática do Ensino Médio Integrado<sup>3</sup>, está explícito o compromisso

---

<sup>3</sup> O EMI é parte de uma política educacional de Estado que se iniciou em 2004, com a implantação do curso de educação profissional técnica de nível médio, articulada a formação geral.

com a formação humana dos alunos, a qual requer a apreensão dos conhecimentos científicos, tecnológicos e históricos sociais.

A diretriz, a partir da qual se organiza a Proposta Médio Integrado (2004) é a categoria Trabalho, tomada como princípio educativo<sup>4</sup>. Dessa forma, relaciona-se com as mudanças no mundo do trabalho e com as novas demandas de Educação Profissional.

No Paraná (em 2007, ano desta pesquisa), existiam quinze estabelecimentos que ofertavam cursos no setor primário na área agropecuária/florestal; cinco que ofertavam o curso secundário na área eletromecânica/química; seis que ofertavam cursos no setor terciário na área de comunicação e artes /informática e administração da confecção/meio ambiente; e quarenta e cinco estabelecimentos que ofertavam cursos na modalidade normal em nível médio para a Formação de docentes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A EPPEMI em que ocorreu esta pesquisa atende 2.322 alunos, em cinqüenta e duas turmas e funciona nos três turnos: matutino (7:30 às 11:50), vespertino (13:00 às 17:25) e noturno (19:00 às 22:30). Assim têm-se, dezenove turmas do Ensino Fundamental funcionando no período da tarde, dezenove turmas do Ensino Médio Regular no período da manhã e quatorze turmas no período noturno no Ensino Médio Regular e Profissionalizante, sendo este último o Ensino Médio Integrado. Possui vinte salas de aula, Biblioteca, Laboratório de Química, Física, Biologia e Ciências e, ainda, um Laboratório de Informática. Conta ainda com um ginásio de esportes (960 m<sup>2</sup>) e com duas canchas de esportes. A construção dessa escola atendeu em 1979, ao grande crescimento populacional do Bairro Alto Maracanã, recebendo uma grande demanda escolar

---

<sup>4</sup> Tal proposta teórica comunga idéias desenvolvidas pelo pensador italiano Antonio Gramsci e vem de encontro ao que foi desenvolvido por Kuenzer em seus estudos. Essa autora em seu livro: "Ensino de 2.º Grau - O Trabalho como Princípio Educativo" (1992, p. 126), expõe os fundamentos da formação omnilateral que Antonio Gramsci defende através de uma escola única de cultura geral, humanística, caracterizada por uma justa adequação entre a capacidade de trabalhar tecnicamente e de trabalhar intelectualmente e que se apresente, como escola de cultura e trabalho. Para Gramsci, a finalidade da escola que unifica cultura e trabalho, é a formação de homens desenvolvidos multilateralmente, que articulem a sua capacidade produtiva às capacidades de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige.

originária dos bairros vizinhos que antes se viam obrigados a se deslocar para estudar no centro do município.

A maior parte dos estudantes é de classe baixa, as etnias são variadas; havendo um percentual de estudantes com graves dificuldades econômicas, que estão inscritos em programas de ajuda financeira do Governo Federal.

Conforme as informações obtidas através do Projeto Político Pedagógico da EPPEMI (2006, p. 34) “a localização da escola agrava o problema de segurança e violência, pois os alunos são assediados por gangues de bairros e por traficantes, além do risco representado pela Delegacia localizada ao lado”.

A EPPEMI é localizada na região metropolitana norte, município de Colombo, Bairro Alto Maracanã, na Rua Abel Scussiato, s/n.º. Inaugurada em 18 de dezembro de 1980, só recebeu autorização de funcionamento pela resolução 26/81 de 09/07/1981 e o reconhecimento do estabelecimento aconteceu pela resolução 5545/86 de 29/12/1986. O Segundo Grau entrou em funcionamento em 02/07/1990. É situada na área urbana, próxima a uma Sub-Prefeitura do município, ao terminal de transporte Coletivo do Alto- Maracanã, ao Pronto Socorro Municipal, à Delegacia de Polícia, e a um comércio bastante diversificado. A entidade mantenedora é a Secretaria de Estado e Educação (SEED/PR) e oferece as seguintes modalidades de ensino: séries finais do Ensino Fundamental; Ensino Médio e Educação Profissional.

O tempo escolar está organizado por série e a organização curricular por disciplinas. No Ensino Médio a escola oferta 25% da parte diversificada composta por duas aulas de Filosofia no 2.º e no 3.º ano e duas aulas de Sociologia no 1.º e no 2.º ano; duas aulas de Artes no 1.º e no 3.º ano e também de Língua Estrangeira Moderna Inglesa. A forma de registros é através de notas de avaliação bimestral. Dentre as instâncias colegiadas presentes na escola, têm o Conselho de Classe, o Conselho Escolar e a Associação de Pais, Mestres e Funcionários (APMF).

A EPPEMI ao buscar a integração com a comunidade, desenvolve no decorrer do ano letivo alguns eventos como festa junina, festival de teatro e música, feira do conhecimento, eventos esportivos que são planejados junto com

a comunidade escolar. Não há Grêmios Estudantis na EPPEMI, apesar de constar no Projeto Político Pedagógico (2006). A justificativa apresentada pela equipe pedagógica é que não houve interesse por parte dos alunos e professores naquele ano, mas que já houve Grêmios Estudantis atuantes nos anos anteriores e que se pretende, no próximo ano, priorizar essa atividade, visto que a própria SEED/PR, através de reuniões com professores e alunos(as) estimula a abertura dos Grêmios Estudantis nos estabelecimentos de ensino. Os jovens participam das decisões e auxiliam no funcionamento da escola elegendo professores(as) como seus representantes e alunos(as) como monitores em cada turma.

Também consta no Projeto Político Pedagógico da EPPEMI (2006, p. 36) dados de uma pesquisa sobre o nível sócio-econômico e cultural das famílias dos estudantes realizada em 2005, envolvendo 2.986 pais e mães.

Os dados encontrados no Projeto Político Pedagógico sobre essa pesquisa revelam que 46% dos pais e mães não possuem o Ensino Fundamental Completo, enquanto que uma minoria, apenas 0,3%, não possui nenhum grau de instrução. Aproximadamente 15% concluíram o Ensino Médio e 12% cursaram o Ensino Médio incompleto e há ainda, 2,5 % dos pais e mães que cursaram o Ensino Superior, mas de modo incompleto e 3,5% dos pais e mães pesquisados, concluíram o Ensino Superior. Cabe ressaltar que 10% dos pais e mães entrevistados não souberam responder a pesquisa.

Conforme os registros sobre a pesquisa, destaca-se a questão da participação política, indicando que não há interferências significativas de outras instituições na comunidade, além da escola e da igreja. Estas últimas, na sua grande maioria católicas e evangélicas, tendo também outras religiões como o espiritismo, a umbanda e o candomblé, mas que não têm participação muito efetiva na comunidade. Tampouco é significativa a participação da associação de moradores, dos movimentos sociais e dos partidos políticos.

Percebe-se que a composição social da escola é de uma classe trabalhadora, com renda mensal média de até três salários mínimos.

O Projeto Político Pedagógico da EPPEMI (2006, p. 44) traz como princípio a formação para a cidadania e para o trabalho quando expõe o artigo 2.º

da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu marco situacional: “o pleno desenvolvimento do educando, o seu preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho”. E cita também o artigo 22 da referida lei: “a Educação Básica, tem por finalidades desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho”.

Sendo assim, se assemelha as orientações da própria SEED/PR no que se refere ao trabalho como princípio educativo. O Projeto Político Pedagógico explicita a educação que se quer priorizar:

libertadora, emancipadora, autônoma, transformadora e engajada na formação integral transcendendo o espaço escolar, integrada entre a escola e a família que busque diminuir a desigualdade social, que busque a qualidade necessária para o preparo do aluno para a vida promovendo seu desenvolvimento integral, que seja humanitária, (...), pluralista, interligando teoria e prática e que dialogue com as diversas instâncias educativas (...). (PROPOSTA PEDAGÓGICA DA EPPEMI, 2006, p. 46).

É notório que a escola prepara os estudantes para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, e tem como fundamento a Pedagogia Histórico-Crítica priorizando, segundo Saviani (1991, p. 94) “uma educação que não seja, necessariamente, reprodutora da situação vigente e sim adequada aos interesses daquele contingente da sociedade brasileira, explorada pela classe dominante”.

Trata-se de uma escola para os filhos e filhas da classe trabalhadora que tem como objetivo preparar os estudantes para o exercício da cidadania, para o mundo do trabalho e torná-los aptos a questionar e intervir nessa sociedade em rápidas transformações.

Nesse sentido, pode-se perceber que a Proposta Pedagógica da Escola articulada à Pedagogia Histórico-Crítica tem o compromisso não apenas de manter a sociedade, mas de transformá-la a partir da compreensão dos condicionantes sociais e da contribuição da escola na formação humana<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> De acordo com o Regimento Escolar (2006, p. 8) da instituição de ensino pesquisada, a finalidade do Ensino Médio é a preparação básica para o trabalho e o aprofundamento dos conhecimentos

Os jovens da EPPEMI percebem a escola como espaço de socialização e de transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados. Além disso, buscam a partir dela a permanência e a inserção no mundo do trabalho, que exige, cada vez mais, maiores níveis de escolaridade. Na maioria das vezes, essa inserção vem acompanhada do consumo juvenil, principalmente no que se refere à moda e ao lazer. Explorou-se durante a pesquisa as seguintes indagações: o jovem estudante-trabalhador tem acesso ao lazer? Quais das atividades desenvolvidas pelos jovens podem ser caracterizadas como atividades de lazer?

Conforme os depoimentos do grupo da EPPEMI nem todos possuem espaço, tempo e dinheiro para o lazer nessa sociedade organizada conforme os princípios do capitalismo; sentem-se excluídos das diversas formas de lazer e consumo, e reconhecem que grande parte dos jovens está fora da escola e do mundo do trabalho. Nota-se assim, entre os jovens pesquisados, o desejo de viverem em uma sociedade com menos desigualdades sociais.

### 1.1 RELAÇÕES DOS JOVENS ESCOLARES COM A ESCOLA DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO E O MUNDO DO TRABALHO

A situação dos jovens brasileiros foi o tema do relatório juvenil lançado pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) em 2004, ao mostrar que só 29,2% dos jovens entre quinze e vinte e quatro anos estão matriculados no Ensino Médio ou no Ensino Superior.

A pesquisa revela que o Brasil possui um milhão e quinhentos mil jovens analfabetos, entre quinze e vinte e quatro anos, e em todas as faixas etárias

---

adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento nos estudos; a preparação para a cidadania, para continuar aprendendo de modo a capacitar-se e adaptar-se com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamentos posteriores; aprimoramento humano do educando, incluindo a formação ética e o desenvolvimento intelectual e do pensamento crítico e ainda, a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática de ensino em cada disciplina.

analisadas o analfabetismo é maior entre negros e pardos, atingindo o percentual de 6,4% enquanto que entre os jovens brancos este índice é de apenas 2%.

Dados da expectativa de vida dos jovens brasileiros também constam na pesquisa, onde em 1980 a cada 100 mil jovens, 128 morriam. Já em 2000 esse número cresceu para 133, aponta-se a violência urbana como a maior causa desse aumento.

De acordo com o Censo Demográfico realizado em 2000, pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mais de 33 milhões e 580 mil pessoas com idade entre quinze e vinte e quatro anos vivem no Brasil. Esses são os jovens do Brasil, jovens que tem objetivos, que conhecem o seu papel na sociedade e sabem o que significa ser jovem.

Apesar de ter ocorrido nos últimos anos uma expansão do Ensino Médio, identifica-se que nem todos os jovens estão na escola, as vagas ofertadas no Ensino Superior são insuficientes, revelando uma dívida do poder público com a população juvenil, no que se refere à qualidade da educação desde o processo de alfabetização até o Ensino Superior.

Conforme a reportagem "Minha Juventude por um Emprego" publicada em Curitiba no jornal Gazeta do Povo em 10 de fevereiro de 2008, no Paraná o contingente dos jovens que está fora da escola e do mundo do trabalho é de 360 mil entre os 15 e os 24 anos, ou seja, 18,9% do total dessa faixa etária, estão excluídos do trabalho e da escola. A reportagem revela que o estado do Paraná possui 1,8 milhão de habitantes entre 15 e 24 anos, o equivalente a 17,7% da população e desse total, 55,6% estão fora da escola, o que representa 900 mil jovens sem acesso aos estudos. Destacam-se ainda informações a respeito do aumento do tempo de permanência do jovem paranaense na escola, que passou de 8,2% em 2001 para 9,2 em 2006; e em relação às atividades no mercado de trabalho, mais de 50% dos jovens têm alguma fonte de renda.

Chama a atenção o fato de que as políticas públicas para a juventude têm uma dívida qualitativa e quantitativa no que se refere ao Ensino Médio, há que se universalizar o acesso aos jovens entre quinze e dezenove anos, que segundo a

pesquisa apresentada no jornal Gazeta do Povo (2008) se encontra fora do universo escolar.

Outra pesquisa que colabora no entendimento dessa temática é a realizada em Curitiba/PR, por Sallas (1999, p. 184) que nos remete aos estudos de Bourdieu, ao destacar que anteriormente o problema do sistema escolar era a exclusão por falta de vagas, agora o número de vagas aumentou, e conseguiu incorporar setores que estavam 'fora', mas os indivíduos sentem-se excluídos no interior do sistema. Foi possível perceber que, apesar da 'democratização' ainda existe uma dupla exclusão da escola e do mundo do trabalho.

Kuenzer (2001) mostra que, o esvaziamento da escola faz parte de um processo de "exclusão includente e inclusão excludente", ou seja, ocorrem várias estratégias para excluir o trabalhador do mercado formal de trabalho onde ele possui direitos assegurados, para depois incluir esse mesmo trabalhador em condições precárias de trabalho em empresas terceirizadas. No plano educacional os excluídos são incluídos na educação formal, mas que não oferece condições ou padrões de qualidade para a demanda do capital e que servirão de justificativa para a exclusão do mundo do trabalho. Isso nos remete "à polarização das competências" (expressão utilizada por Kuenzer). Para alguns poucos trabalhadores oferta-se uma educação de forte conteúdo intelectual, para a maioria uma educação precária.

Já a pesquisa de Marília Pontes Spósito "O Perfil da Juventude Brasileira"<sup>6</sup> apresentada no texto: "Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre Juventude e Escola no Brasil" (2005), contribui para este estudo quando apresenta um recorte analítico em torno dos sujeitos jovens que vivem as suas experiências não só no universo escolar, mas na cultura, no lazer, no mundo do trabalho, na família tornando visível suas práticas, seus valores e seus modos de vida.

---

<sup>6</sup> O Perfil da Juventude Brasileira (2003, 2004) foi uma iniciativa do Projeto Juventude, Instituto Cidadania, com a parceria do Instituto de Hospitalidade e do Sebrae. Foi realizada sob responsabilidade técnica da Criterium Assessoria em Pesquisas, retomando e ampliando temas e questões investigados em outubro de 1999, pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo.

Conforme a autora (2005), no que se refere à escola e ao mundo do trabalho, pode-se identificar duas questões centrais: 1.<sup>a</sup>) a escola surge como um espaço de interação com o outro, ampliando a experiência de vida dos jovens culminando com sua inserção no mundo do trabalho; 2.<sup>a</sup>) a entrada no mundo do trabalho nos últimos anos tornou-se complexa e menos linear; a escola já não garante a entrada no mundo do trabalho.

Estes dados da pesquisa realizada por Spósito (2005) revelam um significativo crescimento do acesso à escola por parte da população juvenil, acentuando-se na década de 1990. Porém, esse crescimento não vem acompanhado da qualidade e das condições humanas e materiais nas escolas públicas. Esta pesquisa nacional também apresenta dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (fonte IBGE, PNAD, 2001), onde se constatou que, em 2001, cerca de 60% dos 34 milhões de jovens ainda não estavam freqüentando a escola, apesar de um crescimento significativo. Já os índices em 2003 foram mais elevados, chegando a apontar 63% de jovens estudando. Contudo a autora afirma que não há uma relação linear entre a elevação do nível de escolaridade da população jovem e o emprego. As oportunidades de inserção ocupacional dos jovens continuaram escassas nos últimos anos, independente da elevação de sua escolaridade.

Entretanto, o que se evidencia na EPPEMI é que a maior parte dos entrevistados desempenha atividades profissionais, com tarefas repetidas, o que exclui a exigência da escolaridade. Têm-se como exemplos de ocupações assumidas pelos jovens pesquisados: vendedor; operadora de caixa; serviço financeiro; recepcionista; aprendiz de técnicas bancárias, saladeira, doméstica, estagiário.

A maior parte dos jovens afirmam que conseguiram o emprego através de amigos, de parentes, ou por indicação de pessoas influentes, e que o fato de estar estudando não influenciou muito na decisão de contratá-los.

Reconhece-se neste grupo pesquisado, assim como as outras pesquisas realizadas com os jovens de Curitiba-PR e outras de âmbito nacional, o interesse

dos jovens em discutir as relações do mundo da Educação com o mundo do Trabalho.

Este interesse fica mais evidente em uma das respostas do grupo da EPPEMI, conforme relata o jovem, em relação à inserção no mercado de trabalho e a possibilidade de obtenção de emprego: *“Escolhi este curso porque além de não ser pago é garantido para um mercado de trabalho, pois geralmente em quase todo emprego pedem um curso de informática, e se eu não tiver fica mais complicado para um emprego”*.

Assim, pode-se pensar a juventude brasileira em sua diversidade, pois esta recobre desigualdades; o Brasil é um país desigual e, portanto, não se pode pensar a juventude de forma homogênea. Há desigualdades sociais, étnicas e de gênero, que refletem nos modos de vida, ideais e projetos.

Nos registros, tanto do questionário como das entrevistas, identifica-se esta questão quando os jovens em sua maioria queixam-se por viver em uma sociedade de poucos direitos, por não serem conhecidos (entendidos), por serem identificados com problemas, por serem vistos como seres perigosos. *“As pessoas não conhecem jovens, falam o jovem é isso, é aquilo, mas não sabem, nunca ouviram e nunca perguntaram nada pra gente”*.

Nota-se que a juventude é responsabilizada, cobrada, vista como comprometida e acusada de problemática. Entende-se que a sociedade e a escola precisariam olhar os jovens como sujeitos com ideais, projetos de vida; seres com capacitação e com vontade de ação.

Sabe-se que a Escola é um espaço importante de incentivo à presença do jovem como cidadão, que deve possibilitar a abertura de espaços para discutir e para reafirmar a cidadania. Mas, existem formas de gestão da escola que não permitem ao jovem o participar e o expressar-se. Assim como a Escola, o Poder Público também deve responsabilizar-se em abrir espaço para que a juventude possa participar no local em que reside, oportunizando espaços de lazer, de cultura, de esporte, de participação nos espaços públicos. Conforme relata o jovem entrevistado ao ser indagado sobre os espaços de lazer que utiliza e sobre alguns dos temas atuais que chamam a sua atenção: *“O governo deveria investir*

*mais na educação, na saúde, dar lazer e atividades para a juventude, espaços pra todos poderem ir. Hoje só se diverte quem tem grana".*

Na pesquisa realizada por Spósito (2005) aparece como um desafio a questão da criação de espaços públicos para os jovens, este direito é sistematicamente negado. Percebe-se que há um descompasso entre os interesses do(s) jovem(s) e as iniciativas das políticas públicas para a juventude.

Para a maior parte dos jovens a escola não oferece espaço para discussões de questões inerentes ao interesse do universo juvenil. Nessa perspectiva, Snyders (1988) em seu livro "Alegria na Escola" procura responder a uma indagação acerca da relação dos jovens com a escola: "Por que o cultural escolar lhes dá pouca satisfação?" A partir deste questionamento procura sondar a cultura, a cultura escolar, a própria cultura dos jovens e depois a escola para tentar entender como a escola pode conduzir todos à satisfação escolar no tempo presente. A escola desmorona-se se não consegue convencer que vai conduzir esses jovens a um tipo de satisfação que não encontrariam em outro lugar. Quando os jovens não encontram satisfação na escola ficam desestimulados a estudar. A escola não pode continuar sendo "um remédio amargo que precisa ser engolido por eles agora, a fim de garantir para mais tarde, um mais tarde bem indeterminado, prazeres prometidos, senão assegurados" (Snyders, 1988, p. 12).

Para alguns jovens entrevistados nesta pesquisa a Escola "*não dá liberdade ao jovem para opinar na elaboração da Proposta Pedagógica da Escola*"; "*a escola não se preocupa com o que o jovem pensa e sente*"; "*a escola está distante do jovem*"; "*a escola não respeita o estilo de vestir, a linguagem dos jovens*", o que contradiz os estudos de Snyders (1988) ao enfatizar que a escola é o espaço onde eles passam a maior parte da sua juventude.

Pode-se dizer que os jovens se mostram um tanto quanto ressentidos com a falta de abertura, de diálogo, de compreensão e respeito com o modo com que esse jovem fala e se veste.

Sabe-se que a função social da Escola além do repasse dos conhecimentos sistematizados engloba outros papéis para com a população jovem, como garantir espaços de diálogo, de participação, de valorização da

pluralidade cultural e principalmente de olhar e de reconhecer o jovem como um ser social e cultural.

Os jovens reconhecem a Escola como um espaço educativo e acreditam nesta relação com o conhecimento e com a socialização, e assim constituído, buscam a valorização tanto da cultura escolar quanto da cultura juvenil.

#### 1.1.1 Na Opinião Dos Jovens O Que A Escola Do Ensino Médio Integrado Deveria Oferecer

Tomou-se por base a pesquisa coordenada por Sallas (1999), em escolas públicas e privadas das classes altas, médias e populares, denominada “Jovens de Curitiba: Esperanças e Desencantos - Juventude, Violência e Cidadania”, que apresenta subsídios importantes para se compreender a relação entre o jovem, a escola e o mundo do trabalho.

Sallas (1999) ressalta que no espaço da escola pública ocorre a luta com graves problemas sociais que perpassam a sociedade e conseqüentemente também o espaço escolar, e na maior parte das vezes, se exige da escola a solução desses problemas e conflitos. A autora afirma que a globalização acompanhada pela precarização generalizada do trabalho e dos direitos sociais, tem marcado ainda mais a escola, este campo de contradições e aponta para o fato de que na escola se evidencia a luta entre setores diferentes, com distintos interesses, econômicos e sociais.

Neste campo de contradições, segundo os jovens da pesquisa de Sallas (1999, p. 186-187), a escola deveria preparar para a profissionalização, seguida por preparar para o vestibular e para formar o cidadão, e por último, estimular uma visão crítica. Nesse sentido, a autora adverte para o significado de “estimular uma visão crítica”: “O que significaria ser crítico? Neste contexto, segundo os programas implicaria entre outras coisas ser ‘capaz de interpretar a realidade do ponto de vista dos processos históricos propiciando uma inserção social mais solidária” (Sallas, 1999, p. 187).

É possível afirmar que, atualmente, a escola vem perdendo essa capacidade de inserção social solidária, de integração, quando permite que os estudantes oscilem entre a realidade do mercado de trabalho e da competição, quando deixa de lado o coletivo, dando ênfase a práticas escolares que reforçam o individualismo, pois ainda nos resultados da pesquisa de Sallas (1999, p. 116-117) os jovens escolares no Ensino Médio quando indagados sobre o que a escola deveria oferecer, afirmam “preparar para a profissionalização” com 92,8% das respostas e “preparar para o vestibular”, com 92,5% das respostas, sinalizando os dois grandes desafios para os jovens. Enfim, “todos cobram da escola, o passaporte para o sucesso”. (Sallas, 1999, p. 117)

Nesta pesquisa durante a entrevista na EPPEMI a fala de alguns dos jovens aponta a escola pública como uma unidade que parece não preparar para o vestibular ao dizerem que: *“Quando sair daqui, terei que procurar um cursinho bom para poder entrar”*. O jovem expressa, assim, o sentimento de incapacidade de concorrer com jovens melhor preparados.

Ressalta-se que na fala dos jovens escolares da pesquisa feita por Sallas (1999) na periferia de Curitiba, evidencia-se um estreitamento efetivo de suas oportunidades de trabalho, em que a palavra “Universidade” permanece oculta. Segundo a autora, para estes jovens, o que conta é ter o quanto antes uma profissão, revelando neste caso, as expectativas e as dificuldades desses jovens de classes populares de freqüentarem as universidades.

Assim na EPPEMI os jovens escolares quando indagados sobre a questão: “Para que lhes serve a escola?”; a maioria afirma: *“Para estudar”*; *“Um lugar para se adquirir conhecimento e me proporcionar um futuro promissor”*; *“Obter conhecimentos (...)”*. Essas afirmações apontam a instituição escolar como um local que deve ser freqüentado, independente do desejo de ter uma profissão, ou de freqüentar a Universidade; a escola aparece para esses jovens como uma necessidade indiscutível, como nos mostra Snyders (1988, p. 13), “para a imensa maioria, a escola, aparece como uma necessidade que não se discute, da qual eles não esperam nem drama nem satisfação”.

São poucos os jovens escolares da EPPEMI que enxergam a Escola como um espaço de convivência, aprendizagem e lazer: *“Obviamente, para aprender mais, tirar a dúvida com o professor, fazer amigos, para divertir, porque ao mesmo tempo que aprendemos estamos nos divertindo. No colégio não é somente ‘estudar’, mas, também tem horas de lazer”*; *“1.º aprender, 2.º amizades, 3.º cultura, 4.º futuro”*. A escola é um dos mais importantes círculos de socialização, de ‘fazer amigos’ na opinião dos jovens escolares da EPPEMI.

A partir dos depoimentos sobre as expectativas em relação à Escola do EMI, percebeu-se as diferentes formas de interação desses jovens escolares no seu cotidiano, o que nos faz tentar compreender como os jovens se organizam em seus espaços, como se constroem e vêm se construindo seus grupos identitários, a partir de agregações, e conhecer um pouco mais dessa(s) juventude(s) e o significado de “ser jovem”.

### 1.1.2 O Que É Ser Jovem – Conceituando Juventude(S)

Ao se trabalhar com a ideia de Juventude(s), a construção histórica e cultural desses jovens que frequentam o Ensino Médio Integrado é preciso trazer à tona questões teóricas relacionando-as com as respostas obtidas nos questionários e entrevistas.

Nesse processo de pesquisa no campo escolar foi possível constatar que cada jovem possui características próprias, e entender os jovens como se fossem todos iguais é uma visão equivocada da realidade, pois existem ‘juventudes’ entre as quais existem modos, formas e maneiras de viver e de “ser jovem”, o que contribui para uma construção dos elementos da cultura juvenil.

Foi necessário também compreender que existe um processo “identitário” desses jovens que nos faz recorrer à noção de identidade, que possibilitou entender o dinamismo da multiplicidade das experiências juvenis. A partir dos estudos de Melucci citados por Dayrell (1996), foi possível compreender que

ninguém pode construir a sua identidade independentemente da identificação que os outros fazem a seu respeito, num processo intersubjetivo onde 'eu sou para você o que você é para mim'.

Para Dayrell (1996) a "identidade" é antes de tudo, um processo de aprendizagem, o que implica no amadurecimento da capacidade de integrar o passado, o presente e o futuro e também articular a unidade e a continuidade de uma biografia individual.

É através de agregações, de grupos que constroem identidades próprias, e que se constituem como referências na construção de si mesmos, de auto-imagem e de sua relação com o mundo que os jovens expressam seus modos de ser. Ficou evidente na fala dos jovens da EPPEMI durante as entrevistas, que existem diferentes formas de expressão desses modos de ser jovem: "*Todo grupo tem suas próprias características*".

Ainda, quando indagados se possuem grupos de amigos e quais os assuntos mais comuns que aparecem nessa discussão com o grupo, um dos jovens escolares afirmou: "*Como minha turma escolar é escassa<sup>7</sup>, não tenho um grupo de amigos na minha sala de aula e sim no 2.º ano (...). Nós conversamos normalmente sobre o curso ou sobre alguma atividade que ajude na nossa formação educacional*".

Estudos e pesquisas recentes já apontam para a diversidade de formas de os jovens expressarem seus gostos, estilos e atitudes, como por exemplo, o grafite, o *rap*, o teatro, etc., e estas constituem-se em elementos de agregação. Entendemos que a escola deve estar atenta a essa perspectiva, pois é através da cultura juvenil de participação que é possível dialogar com esses jovens. Esses espaços juvenis são organizadores dos anseios da juventude, porém na EPPEMI, a maior parte dos jovens afirmam que a escola se apresenta na maioria das vezes: "*alheia aos interesses dos jovens*".

---

<sup>7</sup> A expressão deste jovem do 3.º Ano da EPPEMI, "minha turma escolar é escassa" revela também a insegurança em terminar o curso, já que esta turma possui apenas três alunos. Conforme os relatos dos docentes e da equipe pedagógica a maior parte dos jovens busca um aligeiramento na formação através do EM regular que tem duração de três anos, enquanto o EMI é de quatro anos.

Como a vida juvenil é marcada pelos conflitos, pelas relações afetivas, pelas perdas e buscas a escola precisa reconhecer o “ser jovem” e garantir espaço para dar voz a esse jovem. Compreendemos que o termo juventude não pode ser visto apenas como transição de uma etapa para outra; a expressão “*jovem representa o futuro*” nega o presente. A juventude é uma condição de direitos no tempo presente.

Bourdieu (1978, p. 153) em seus estudos nos mostra que as relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Para o autor “a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar nos jovens como unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir a esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui uma evidente manipulação”. O autor afirma ainda que ‘juventude é apenas uma palavra’. Juventude é uma condição à qual se vive, é um construto social e histórico, ou “juventude é apenas uma palavra (Bourdieu, 1978, p. 112)”.

Neste sentido, buscou-se ampliar o conceito de juventude, recorrendo a tese de doutoramento de Goedert (2005) “A Cultura Jovem e suas relações com a Educação Física Escolar”, que dialoga com os estudos de Pierre Bourdieu e Mario Margulis alertando para o fato de que a palavra *juventude* pode estar carregada de significados<sup>8</sup>. Neste estudo, compreendeu-se que além desta palavra conter um conceito histórico, social e culturalmente construído, não se pode classificá-la como condição de idade. Cada sociedade e cada cultura intervêm na maneira do jovem viver e se comportar. Assim, Goedert (2005) ao trabalhar a categoria

---

<sup>8</sup> De acordo com Goedert (2005, p. 28) a juventude “é uma condição constituída pela cultura a qual se vive, (que se têm), por hora, uma base material vinculada com a idade, um modo particular de estar no mundo, de encontrar-se arrojado em sua temporalidade, de experimentar distancias e durações”. O que demonstra segundo os estudos de Goedert (2005), que ser jovem não é somente uma idade ou o pertencimento a uma classe social, é preciso considerar a multiplicidade de situações sociais em que essa etapa da vida se desenvolve. Já os estudos de Pierre Bourdieu (2003), conforme indica a autora remetem ao fato de que, para se entender o sujeito jovem, deve-se identificá-lo a partir e nos diferentes campos em que o mesmo é social, cultural e historicamente construído. A categoria juventude deve ser analisada em suas diferentes particularidades, nessa perspectiva, para Pierre Bourdieu cada sociedade cria e inventa a palavra *juventude*.

juventude apresenta o pensamento de Margulis; Urresti (2000, p. 16) onde afirmam que:

A juventude como toda categoria socialmente constituída, que envolve os fenômenos existentes, possui uma dimensão simbólica, mas também tem que ser analisada entre outras dimensões: deve-se atender aos aspectos factuais, materiais, históricos e políticos em que toda a produção social se desenvolve.

Dessa forma os estudos de Goedert (2005) ao dialogar com estes autores, chamam a atenção para a afirmação de Bourdieu destacando que "juventude" é mais que uma palavra. Nesta pesquisa percebe-se que a escola, em seu conjunto, muitas vezes, não reconhece as aspirações dos jovens para além da sua condição de estudante, mediante suas práticas cotidianas. Quem é esse jovem? Onde ele vive? Como se diverte? Quais são os seus anseios e suas expectativas? Ainda nos estudos de Goedert (2005) encontram-se subsídios para tratar das questões que envolvem o desenvolvimento juvenil e suas relações com a cultura jovem, quando a autora nos remete ao estudo "O aluno como invenção" de Sacristán (2003, apud Goedert 2005, p. 132-133) destacando que a forma como o jovem cresce e se desenvolve em todas as dimensões da vida que o escolar deve ser considerado, porque quando nos referimos ao jovem, mencionamos categorias construídas por idéias e que, refletem, também, formas de pensar, comportamentos, atitudes e valores de nosso tempo.

Evidenciou-se que a escola precisa criar espaços de diálogo, reconhecendo o jovem como sujeito sócio-cultural que participa do cotidiano escolar com suas idéias, construindo através do diálogo espaços em conjunto.

Essa situação é encontrada também no relato de um dos jovens da EPPEMI que desabafa na entrevista: "*O pessoal da noite está esquecido, tudo é motivo para adiantar aulas e dispensar a gente mais cedo (...)*". O outro jovem entrevistado complementa: "*a gente não quer viver matando aula!*"

Esse depoimento revela a insatisfação dos jovens escolares mediante as ações cotidianas da Escola que desvalorizam o tempo e a permanência desse jovem na instituição escolar.

Ainda quando perguntados no grupo sobre o que é “ser jovem”, os entrevistados referem-se sempre, direta e indiretamente, às questões sobre o emprego: *“Ser jovem depende, mais pode ser um tempo muito bom para quem sabe aproveitar, quando estamos nessa fase devemos pensar no futuro e planejar a nossa carreira, pensar em estudar e trabalhar e sempre ser uma pessoa de boa conduta”*.

Esses relatos indicam a necessidade de trabalho da população juvenil, que às vezes é também o motivo para a retirada desses mesmos jovens da escola.

Nota-se que é manifestada também a preocupação com o futuro: *“É ter vontade própria, ter dúvidas em relação ao futuro”; “Ser uma pessoa com objetivos e ter tempo para realizá-los por sermos novos com a vida inteira pela frente”*.

Na seqüência os depoimentos revelam ainda, a relação que estes jovens mantêm com a escola e o mundo do trabalho como a obtenção de um certificado para ampliar suas chances no mercado de trabalho: *“(…) buscar constantemente a excelência em qualificação profissional enquanto se tem oportunidade”*.

É possível identificar que na perspectiva de superar a situação de exclusão econômica e social em que se encontram, certos jovens passam a investir fortemente na atividade profissional e escolar, sobretudo quando vêem possibilidades de promoção no próprio local de trabalho.

Entre outros depoimentos obtidos na EPPEMI sobre o que é ser jovem encontram-se, muitas das vezes, modelos de juventude vinculados aos meios de comunicação, onde se expõem as seguintes afirmações: *“Ser livre”; “É muito bom enquanto dura. Você pode curtir, bagunçar, tudo isso e mais um pouco”; “É ser feliz, é ter vontade de viver”; “Saber ser jovem é aproveitar a vida da melhor forma possível, saber fazer coisas que te fazem sentir-te bem. Sair muito com seus amigos brincar bastante para você não se arrepender de não ter aproveitado a juventude”; “É uma fase única, é a época de se descobrir, é ter a oportunidades de mostrar seu potencial, é fazer a diferença”; “Ser jovem é ter força, ter a palavra, ser viril, o tempo de escolhas, decisões”; “É não ser velho”*.

É notável o quanto o mercado, a publicidade e a mídia investem num tipo de jovem, num modelo de juventude, que não expressam a identidade juvenil brasileira.

Esse é um dos problemas da sociedade contemporânea, a juventude deixa de ser uma idade na vida e torna-se um modelo cultural, com uma imagem idealizada. Esse modelo de juventude estereotipada se propaga pelos meios de comunicação e isso faz com que as fases da vida não sejam vividas.

Neste sentido, com o avançar das perguntas elaboradas nos questionários, os jovens trouxeram outros elementos da realidade vivida pelo grupo. Por exemplo, quando questionados sobre as suas atividades de lazer pode-se evidenciar que ser jovem não significa viver intensamente a condição de jovem: *“A minha vida é tão corrida que não tenho um momento de lazer, por exemplo, não tenho tempo e nem sobra dinheiro pra fazer um passeio com a família, é só trabalho, cuidar da casa e estudar. Ah! E vou a Igreja aos sábados e domingos”*. Ainda durante as entrevistas quando indagados sobre a preocupação com assuntos relativos à sociedade, observou-se que não é verdade que os jovens da atualidade sejam apáticos e que não se preocupam com isso. Os jovens entrevistados participam das decisões, porém há distintas formas de participação e elas devem ser reconhecidas pelas pessoas que estão na escola, na família e pelas autoridades e responsáveis na formulação de políticas públicas voltadas aos interesses da(s) juventude(s).

Os jovens da EPPEMI apontam como preocupação questões como: *“a falta de segurança; a violência, a falta de investimento nas áreas sociais de: saúde, educação, habitação e saneamento; o empobrecimento das camadas populares; o desemprego; a corrupção na política; em quem votar nas próximas eleições; o seu ingresso na Universidade”*.

Outro ponto importante a ser destacado na pesquisa, é o fato de que alguns dos jovens entrevistados utilizam pouco os distintos espaços de participação da cultura juvenil para expressar seus questionamentos e reflexões. Dos dezessete jovens entrevistados, nenhum participa de um movimento estudantil; nenhum participa do Grêmio Estudantil (não há Grêmio Estudantil na

Escola pesquisada); apenas um jovem entrevistado participa de um grupo musical; nenhum jovem participa de grupos de teatro; nenhum participa de partidos políticos. Somente três jovens participam de atividades esportivas e dois jovens de grupos ligados à religião.

Quando indagados sobre o porquê de não estar inseridos em nenhum espaço de participação da cultura jovem para expressar seus questionamentos e reflexões, os jovens entrevistados afirmam que não têm tempo, pois precisam trabalhar. Ainda, quando questionados sobre a possibilidade de participar de algum grupo através da escola, um relato explicita: “*Os alunos da noite estão largados*”. O que traduz a falta de projetos e práticas de docência voltados ao interesse da juventude.

Ficou evidente nos depoimentos que o que impede os jovens de estarem engajados em algum grupo de participação juvenil, é que a maioria não sabe onde procurar espaços culturais ligados ao universo juvenil; outros não têm interesse e nem tempo, pois passam parte de seus dias entre o Trabalho e a Escola.

As relações apresentadas neste capítulo, pelos jovens escolares da EPPEMI na divisão de seu tempo entre o estudo e a ocupação profissional, nos remete ao entendimento de que a Escola deve preparar para o trabalho, assim faz-se necessário confrontar a concepção do EMI com as expectativas desse grupo de jovens ao optarem pelo curso de Informática no EMI, para compreender o significado do trabalho e suas aspirações no campo profissional.

## 2 ENSINO MÉDIO INTEGRADO: ENTRE JOVENS, ESTUDANTES E TRABALHADORES(AS)

Para se compreender a juventude como categoria heterogênea construída histórico-social e culturalmente, conforme o estudo de Bourdieu (2003) e Margulis; Urresti (2000, apud Goedert 2005), faz-se necessário identificar o sujeito jovem a partir e nos diferentes *campus* onde ele está inserido. Nessa perspectiva, este capítulo, analisa as expectativas de um grupo de jovens escolares relacionado-as com o mundo da escola e o mundo do trabalho.

Conforme a pesquisa de Sallas (1999) que busca apreender as diferentes percepções que os jovens têm em relação ao mundo que os cerca, explica que para a maioria dos jovens a escola é um local que auxilia na formação, precedido somente pela família, e fundamental quando se pensa no futuro e de maneira geral, na futura inserção profissional. O processo formador está intimamente ligado a um processo disciplinador, que entre outros, prepara para o trabalho.

O que vem de encontro com Spósito (2005) quando pesquisa sobre o tema escola e o mundo juvenil, onde destaca-se, que 58% dos jovens pesquisados afirmam que a escola entende mais ou menos os jovens, ainda, 43% dos jovens apontam que a escola tem interesse pelos problemas que envolvem o universo juvenil e 19% dos jovens afirmam que a escola não tem interesse algum pelos problemas que afetam a juventude.

Nesta perspectiva, ao pesquisar o EMI na região metropolitana norte de Curitiba, reconhece-se que os(as) professores(as) e a própria escola têm pouco interesse em estabelecer diálogos em torno de assuntos considerados relevantes pela juventude; e quando perguntado ao grupo de jovens da EPPEMI estes apontam para os seguintes temas que deveriam ser discutidos no espaço escolar: as questões de violência, investimento nas áreas sociais como: saúde, educação, habitação e saneamento; o desemprego, a corrupção na política, em quem votar nas próximas eleições, no ingresso na Universidade.

No documento do Projeto Político Pedagógico da EPPEMI (2006, p. 62), encontramos projetos a serem desenvolvidos no decorrer dos anos letivos com o

objetivo de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem; entre eles: a) perspectivas no campo de trabalho: os alunos dos terceiros anos são levados na Feira das Profissões realizada pela Universidade Federal do Paraná; b) Arte e Cultura: a Semana Cultural organizada pelos estudantes e professores, onde se oferece oficinas, exposições e apresentações culturais; c) Feira de Esportes: onde se trabalha esporte, lazer e saúde, dando ênfase na questão sócio-ambiental.

Vale salientar que durante a realização dos questionários e das entrevistas os jovens da EPPEMI não apontaram nenhum desses eventos. Reconhece-se que tais atividades não podem ficar estanques ou se resumir em semanas isoladas e que não envolvam todos os jovens.

Percebeu-se no cotidiano escolar da EPPEMI que há conflitos, o mais evidente entre professores e jovens, está na forma de vestir-se, depois de fumar escondido, e até trazer bebidas para a escola, o que significa um desafio à autoridade escolar; outro ponto observado é que a maioria dos jovens escolares justifica suas atitudes valendo-se de mentiras e subterfúgios.

Assim, ocorrem comportamentos de resistência aos estudos, tal como se pode aferir através das observações feitas durante a pesquisa com os jovens do Ensino Médio Integrado, estes expressam certa negação ao mundo da escola, materializada na prática de “gazear”<sup>9</sup> aulas para encontrar amigos; distrair-se na sala de aula com jogos eletrônicos, como celulares, por exemplo.

De acordo com Spósito (1998, apud Andrade, 2000, p. 92) embora os jovens escolares vislumbrem no acesso à escola as ferramentas necessárias para a inclusão nas escassas oportunidades do mercado de trabalho e para a aquisição de capital cultural, acabam por estabelecer com a escola um processo perverso, contraditório, que se traduz de várias formas, tanto na violência quanto no aparente desprezo.

Colaboram para o entendimento dessa questão os estudos de Willis (1991), realizado na Inglaterra entre 1972 e 1975, onde mostra que a cultura do chão de fábrica se assemelha e se contrapõe a contra-cultura escolar, o limite

---

<sup>9</sup> Conforme o dicionário escolar de Língua Portuguesa (2005, p. 451) gazeare significa falar às aulas ou ao trabalho para vadiar.

para essa similaridade está no fato que, enquanto os jovens podem escapar totalmente do trabalho escolar, na fábrica o trabalho tem que ser executado.

No que se refere ao estilo, grupos e identidade dos jovens da EPPEMI, estes afirmam que: *“a escola não respeita o estilo de vestir, a linguagem dos jovens”*. Ao mesmo tempo, depositam total esperança na escola e a consideram importante para suas vidas; *“Para aprender mais e mais e futuramente ser alguma coisa na vida”*.

Ao ouvir essa(s) juventude(s), percebem-se discursos marcados pela contradição onde ora a escola é um porto-seguro, capaz de lhes proporcionar um futuro promissor, ora aparece como um local monótono, onde extravasam infringindo a ordem estabelecida.

Nesse sentido, Willis (1991) em sua pesquisa vai compondo aquilo que denomina de cultura contra-escolar, onde aparece de forma explícita a oposição à autoridade e a rejeição conformista, especialmente em relação aos alunos que comumente chamamos de ‘ce-dê-efes’<sup>10</sup>, aos professores e as minorias étnicas. Que se manifesta na forma de racismo, sexismo, vandalismo, violência física, simbólica e verbal.

A oposição observada por Willis (1991) pode ser entendida como um exemplo clássico de oposição entre o formal e o informal. A escola é a zona formal onde os ‘ce-dê-efes’ apostam. A cultura contra-escolar é a zona informal, sua base material é o grupo social, o grupo informal é a unidade básica dessa cultura, a fonte de resistência que distingue os jovens pesquisados pelo autor dos ‘ce-dê-efes’. Essa fonte de resistência, que Spósito (apud Andrade, 2000) denomina de ‘processo perverso, contraditório, que se traduz de várias formas, tanto na violência quanto no aparente desprezo’, é interpretado por Willis (1991) como

---

<sup>10</sup> Termo utilizado por Paul Willis (1991) em seu livro “Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social”, ao se referir aos estudantes do sexo masculino e de classe operária que cursavam um currículo secundário não-acadêmico, que conforme a descrição dos jovens escolares pesquisados não faziam oposição as normas da escola, não tinham nenhum problema de má conduta, nunca faltavam as aulas e possuíam bom rendimento escolar, então chamados no livro de ‘ce-dê-efes’.

subversão dos objetivos organizacionais formais e pela extrema capacidade de matar o tempo.

Os depoimentos dos jovens da EPPEMI em determinados momentos se assemelham aos depoimentos apresentados pelos jovens da pesquisa de Willis (1991), no que se refere ao movimento de resistência dos jovens escolares em relação ao campo escolar e, ao não questionamento das tarefas a serem cumpridas no mundo do trabalho. Percebe-se assim, que muitos dos jovens da EPPEMI buscam na proposta do curso um passaporte para o emprego, especificamente na Informática, por entenderem que assim irão obter melhores posições profissionais e conseqüentemente, melhores condições de vida e de trabalho.

## 2.1 PARA OS JOVENS O SIGNIFICADO DO TRABALHO, AS POSSIBILIDADES DE OBTENÇÃO DE EMPREGO E AS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Os jovens da EPPEMI ao serem indagados sobre por que optaram em cursar o Ensino Médio Integrado apresentam diferentes respostas; quatro dos jovens afirmaram que o curso garante um bom emprego; um afirma que o curso prepara para o vestibular; um jovem afirma que o curso prepara para o vestibular e garante um bom emprego; cinco jovens afirmam que escolheram esse curso por ser a única opção; um jovem afirma que optou por este curso porque ele dispõe de um laboratório de informática e isso o faz menos cansativo; e oito jovens afirmam que o curso tem o compromisso com a formação humana dos alunos, a qual oportuniza reflexões sobre o que você aprende no dia-a-dia, com os acontecimentos sociais e históricos e com a tecnologia.

Ainda entre outros motivos que levaram os jovens a escolher este curso estão: *“Porque eu achava interessante, eu já gostava de computadores antes e quis aprimorar meus conhecimentos”*.

Grande parte do grupo de jovens entrevistados possui alguma ocupação profissional, o que lhes garante uma fonte de renda para auxiliar no orçamento familiar. Segundo Willis (1991) o contato com o mundo do trabalho se dá pela necessidade de dinheiro. No entanto, percebe-se a partir dos depoimentos dos jovens do Ensino Médio Integrado, que também o fazem pela possibilidade de edificação cultural, ascensão social. *“Fazer somente o Ensino Médio, posso dizer que é genérico, eu iria ter que fazer de qualquer forma, mas tendo o curso, isso faz com que seja diferente talvez abrindo mais portas para o meu desempenho profissional. O mercado de trabalho procura coisas diferentes, o curso já é um diferencial”*.

Quando indagados se, neste percurso, o curso corresponde às expectativas de: garantia de um bom emprego; preparação para o vestibular; compromisso com a formação humana dos alunos, apreensão dos conhecimentos científicos, tecnológicos e históricos sociais, doze jovens responderam que sim, as justificativas apresentadas foram: *“Eles nos ensinam a montar e desmontar computadores”; “Muitas coisas eu não fazia idéia de que existiam”; “Eu sabia o básico, como ligar uma máquina, agora já sabemos montar, desmontar partes, programas diferentes, etc.”; “Eu aprendi muitas coisas nesse curso. Hoje posso resolver problemas sem precisar de outros para me ajudar. Até no serviço posso ajudar (...); “(...) estou aprendendo bastante e quando terminar terei um curso técnico”; “Não imaginava que por trás de um site que eu acessava havia um grande trabalho para fazer”*.

No entanto, quatro jovens afirmam que o curso não corresponde às expectativas anteriores, os motivos apresentados foram os seguintes: *“A falta de instrumentos e a falta de conhecimentos me assusta”; “Prefiro não comentar”*. O primeiro depoimento se refere aos problemas que a escola pública enfrenta, como por exemplo, equipamentos em más condições de uso e ao fato de alguns dos profissionais da educação não estarem aptos, por falta de formação contínua para atuarem no Ensino Médio Integrado. De acordo com os relatos da equipe pedagógica, alguns dos profissionais possuem formação em processamento de

dados, mas não possuem formação pedagógica, o que dificulta o desenvolvimento de suas aulas. E apenas um jovem não respondeu a essa questão.

Com relação ao que o curso ensina e pretende formar e sua inserção no trabalho, dos dezessete jovens pesquisados, onze jovens consideram que a proposta do Ensino Médio Integrado atende as suas expectativas e necessidades, dois jovens afirmam que não, e quatro jovens não responderam a questão.

Dentre as justificativas apresentadas pelos dois jovens que afirmam que a proposta do Ensino Médio Integrado não atende as suas expectativas e necessidades estão: *“O curso é fraco passamos o primeiro ano e a metade do outro sem laboratório, agora temos duas aulas por semana e é pouco”*; *“Pois esperava aprender mais sobre a área de informática e até agora só aprendi o básico”*.

Para os onze jovens que afirmam que proposta do Ensino Médio Integrado atende as suas expectativas e necessidades foi possível verificar certo entusiasmo em relação ao futuro, amparado no mito da empregabilidade, onde se destacam as seguintes afirmações: *“As expectativas de quem faz um curso integrado é ter uma profissão respeitosa, qualificada. O curso atente a essas expectativas. Mas para ser um profissional qualificado depende da força de vontade de cada aluno”*; *“Apesar de não pretender trabalhar com computadores na parte técnica, hoje em dia a tecnologia se expande cada vez mais e o que você souber a mais é melhor...”*.

Uma das respostas apresentadas por um dos jovens da EPPEMI chama a atenção no que se refere ao questionamento: *“Com relação ao que o curso ensina e pretende formar e sua inserção no trabalho, você considera que a Proposta do Ensino Médio atende as suas expectativas e necessidades?”* foi a seguinte: *“Nem que sim nem que não. O mercado de trabalho exige muito mais do que a gente está aprendendo, mas todo aprendizado é bem vindo”*.

Os jovens escolares deixam evidente nas conversas informais, que apesar de depositarem confiança na escola como passaporte para o mundo do trabalho, é notório que nem sempre isso acontece. Assim o estudo de Nádia Araújo Guimarães (2005) apresentado em seu texto: *“Trabalho: Uma categoria-chave no*

imaginário juvenil?” colabora para a compreensão desse tema e nos remete aos estudos de Dubar para mostrar que antes havia uma passagem “pré-programada” para o mercado de trabalho. Com as mudanças ocorridas no mundo do trabalho, rompe-se a equiparação entre trabalho e emprego remunerado (vigente no contexto patriarcal do ‘pleno emprego masculino’ do pós-guerra); cai por terra o modelo do trabalhador permanente e contratado a tempo completo (multiplicando-se as formas alternativas de relação de trabalho, como tempo parcial, auto-emprego, trabalho no domicílio, entre outros); e saem de cena os contratos de longa duração, em que o vínculo empregatício ‘casa’ o trabalhador a um mesmo empregador por toda (ou quase toda) a sua vida produtiva (de sorte que o emprego deixa de ser uma salvaguarda para o desemprego). O que vem reafirmar as preocupações dos jovens escolares em suas conversas informais em que não há uma passagem linear para o mundo do trabalho. (Dubar)<sup>11</sup>, *apud* Guimarães *in*: Abramo 2005, p. 154-155).

Ainda em relação à proposta do Ensino Médio Integrado, sete jovens afirmam que a mesma possibilita, acesso ao conhecimento científico, tecnológico e histórico social; onze afirmam que possibilita o acesso ao mercado de trabalho; três jovens ressaltaram o acesso ao Ensino Superior; um afirma que a Proposta do Ensino Médio Integrado possibilita atividades esportivas e de lazer; e três jovens consideram que a Proposta possibilita viver a sua condição juvenil respeitando suas escolhas e seu jeito de ser. Apenas um jovem não respondeu a questão.

Ao serem questionados sobre os sonhos que têm para suas vidas respondem: “*ter um bom emprego*”; “*concluir meus estudos*”; “*ser alguém na vida*”; “*ser feliz*”; “*abrir meu próprio negócio*”; “*ganhar na mega-sena*”; “*casar*”; “*ser livre*”; “*ser jogador de futebol*”, “*ingressar numa boa faculdade*”; “*viver num mundo melhor*”; “*qualificação profissional*”; “*carro*”; “*casa na praia*”. Como é possível notar,

---

<sup>11</sup> DUBAR, Claude “Refléxions Sociologiques sur la notion d’insertion” em francês (1998) In: CHARLOT, B. e GLASMAN, D. (eds) “Les jeunes, L’insertion, L’emploi”. Paris: Presses Universitaires de France, p. 30-38.

a maior parte das falas refere-se a empregabilidade e a questões materiais. Poucos falam no ingresso na Universidade.

Quando questionados se o curso possibilita a aprendizagem da teoria e da prática, dos dezessete jovens pesquisados, dezesseis jovens respondem que sim e um jovem responde que não.

A justificativa apresentada pelo jovem que afirma que o curso não possibilita a aprendizagem da teoria e da prática é a seguinte: *“Falta de software e professor capacitado não supre a minha sede de conhecimento”*.

Quanto aos jovens que afirmam que o curso possibilita a aprendizagem da teoria e da prática é a seguinte: *“Nós vamos ao laboratório e montamos computadores isso ajuda a aprendizagem”; “Montamos, desmontamos, configuramos, fazemos trabalhos com programas, aprendemos sobre os componentes”; “Temos aulas práticas e teóricas, sendo assim, o aprendizado depende do aluno. Se ele tiver interesse, como em todas as outras matérias, ele aprende. Os professores ajudam, mas a responsabilidade do aprendizado é nossa<sup>12</sup>”*.

Ao serem indagados sobre a questão: *“Somente os que estudam têm alguma chance na vida”*. Percebe-se uma crença na ascensão social via escolarização. Doze dos jovens entrevistados concordam com a afirmação e apenas cinco jovens não concordam, dentre as justificativas apresentadas pelos que não concordam com a afirmação destacam-se: *“Os que estudam tem maior chance na vida por ter maior conhecimento, mas os que não estudam também podem ter uma boa chance na vida”; “Todo mundo pode ter uma chance na vida não é só quem estuda, aquelas pessoas que não estudam sabem fazer alguma outra coisa”; “Basta ter vontade, perseverança e fé”; “...Tem a questão da criatividade, sendo uma pessoa criativa e esperta você também tem muita chance na vida”*.

---

<sup>12</sup> Muitos jovens assumem uma posição de culpa face aos insucessos e fracassos experimentados no mundo do trabalho e na escola. Como se tal situação tivesse cunho individual, não estando relacionado com a condição social marcada pela exclusão.

Os que concordam com a afirmação justificam: “*Não tem como viver sem estudar*”; “*...quase todos os empregos precisam de estudos e se você não tiver, não tem emprego e acaba passando necessidade*”; “*Hoje em dia o mercado de trabalho é muito exigente, são muitas as áreas boas mais poucos os capacitados para a função e para se obter um bom emprego você precisa no mínimo estar cursando a faculdade*”.

Para melhor compreendermos as afirmações dos jovens diante da afirmação de que “*Somente os que estudam têm alguma chance na vida*”, recorremos aos resultados da pesquisa de Sallas (1999, p. 116) que nos possibilita a discussão do significado do trabalho por estrato sócio-econômico. Segundo a autora para os jovens das classes médias e altas o significado do trabalho é pedagógico, como aprendizado para as tarefas que desempenharão na vida adulta e como um complemento à mesada dos pais. Essa condição faz com que utilizem seus rendimentos com maior liberdade. Para os jovens pobres que contribuem para o sustento da família, o significado do trabalho é outro. O trabalho não possui um caráter libertário, ao contrário, coloca-os frente a maiores responsabilidades futuras.

Dessa forma, a pesquisa de Sallas (1999, p. 116-118) demonstra que os jovens escolares identificam a escola como a possibilidade de obtenção de emprego. Os jovens das classes populares deixam claro que a educação que desejam preparatória para o trabalho, não passa necessariamente pela Universidade. Os jovens das camadas populares passam a ver os cursos profissionalizantes como o seu espaço; esse dado mostra que ‘o senso de realidade’, típico dos segmentos populares, sobre os espaços possíveis a eles destinados na sociedade está presente desde a juventude.

Assim a pesquisa realizada por Sallas (1999, p. 190) apresenta questionamentos pertinentes ao se referir ao fato de a escola preparar para o trabalho, porém a autora tece indagações: Mas que tipo de trabalho? Em que condições? Qual mercado de trabalho?

Tanto nos depoimentos apresentados na pesquisa de Spósito (2005), como na pesquisa de (Sallas, 1999), e também nos depoimentos dos jovens da

EPPEMI está presente, sob a perspectiva do futuro profissional, a preocupação com a escola que é para a ampla maioria, fundamental para se ter sucesso na vida. Eis alguns exemplos retirados das entrevistas da EPPEMI: *“Hoje em dia se você não tem um bom estudo você não é nada. Até para o pior serviço você precisa de estudo”*; *“Hoje em dia no mercado de trabalho a concorrência é muito grande e se você pretende crescer, você tem que estudar...”*. É possível perceber, dessa forma, que os jovens escolares sabem que a escolarização é uma entre as possibilidades para se situar melhor no mundo, para além de um ganho imediato com o emprego ou um futuro profissional melhor.

Nas entrevistas com os jovens da EPPEMI, é possível perceber que a falta de recursos financeiros e a decepção daqueles que se vêem privados de participar de certas formas de lazer, de acesso a bens de consumo que criam marca e identidade entre os jovens, obriga os jovens do Ensino Médio a procurar um trabalho. Poder desfrutar de bens de consumo como roupas, calçados entre outros que, fortalecidos pela mídia, gozam de prestígio nessa faixa etária, faz parte do imaginário de todas as camadas sociais. *“Tem uns que não necessitam de estudo para viver bem, gastam o dinheiro dos pais e não trabalham”*. Conforme Willis (1991), para resolver seu problema de consumo a maioria dos jovens decide arranjar um emprego. Para grande parte dos jovens da EPPEMI, estudar é sinônimo de uma vaga no mundo do trabalho e dessa forma, uma possibilidade de consumo.

Nota-se ainda nos depoimentos que, as situações em que a ausência de um certificado mínimo de escolaridade impõe limites à inserção ou às promoções profissionais chamam a atenção para a necessidade do diploma, e é especialmente nesse momento que estudar ganha significado real. Torna-se um instrumento de ascensão social. Como exemplifica a fala de um dos jovens do 3º. Ano do Ensino Médio Integrado: *“Além de ser um conhecimento a mais, realça o seu currículo possibilitando um emprego melhor. E por ser muito bom estar estudando coisas diferentes e aprendendo cada vez mais”*.

Pressionados pelas exigências do mundo do trabalho, os jovens sabem que a escola pode lhes possibilitar melhores condições de vida. Grande parte dos

jovens que freqüentam o Ensino Médio Integrado no período noturno, o fazem ora por exigência do mundo do trabalho, ora pela necessidade de trabalho para poder sobreviver. De acordo com os relatos da equipe pedagógica da EPPEMI, o Ensino Médio Regular funciona no período matutino e grande parte dos alunos(as) trabalhadores(as) e ou fora da faixa etária retorna para a escola no período noturno.

Pode-se perceber durante a entrevista com os jovens, com a direção e com a equipe pedagógica que *“a maior parte dos estudantes moradores da região não faz opção pelo Ensino Médio Integrado no ato da matrícula porque desejam um aligeiramento na formação. Porém, eles não percebem que concluem o Ensino Médio Integrado em quatro anos, e se optarem pelo ensino regular e depois fizerem o pós-médio, isso levará seis meses a mais”*.

O que se evidencia pelo fato de a escola não possuir turmas de primeiro ano e apenas uma turma de segundo ano, com vinte e dois alunos freqüentando e uma turma de terceiro ano com três alunos freqüentando. O que corrobora a incerteza dos jovens pesquisados em terminarem o curso.

A fala dos jovens: *“Ficamos um ano e meio sem laboratório, e agora vamos muito pouco”*, denuncia os problemas de materialidade e de formação docente que a escola pública enfrenta; *“a falta de preparo dos professores me assusta”*; *“nem sempre os recursos de uma escola pública ajudam, mas vamos tentando terminar o curso”*.

Os depoimentos obtidos mostram, de um lado, a difícil relação entre o mundo do trabalho e o da escola, e de outro, as contradições entre o valor social da escola e a escolarização na sua condição real.

Conforme a pesquisa de Sallas (1999) sobre o trabalho e as oportunidades de sucesso com Jovens de Curitiba, a metade dos jovens pesquisados já ingressou no mercado de trabalho e 24,4% contribuem com sua remuneração para o sustento da família. Esses jovens não só ingressaram em grande quantidade no mercado de trabalho como o fizeram com pouca idade. Isso mostra que o trabalho infantil é uma realidade também em Curitiba. Nota-se que 28% dos jovens pesquisados começaram a trabalhar com menos de quatorze

anos. É pequeno o número de jovens que ingressou no mercado após a maioridade, apenas 4,1% dos jovens pesquisados.

Com frequência, a pouca escolarização os deixa sem opções, obrigando-os a aceitar baixos salários e a permanência em ocupações que muitas vezes rejeitam, as quais se submetem por falta de melhor alternativa.

Praticamente quase todo o grupo da EPPEMI possuiu algum trabalho. Dos dezessete jovens pesquisados, onze jovens trabalham e quatro jovens não trabalham, um jovem está desempregado e apenas um jovem nunca trabalhou. Dos jovens escolares que trabalham, todos afirmam que começaram a trabalhar desde cedo, como auxiliares de alguma função, com baixa remuneração. Evidenciando que o trabalho infantil<sup>13</sup> é constante na região metropolitana de Curitiba.

O desemprego, a rotatividade e a diversidade de ocupações exercidas são situações conhecidas da maioria dos entrevistados, muitos deles não tiveram senão serviços temporários. Além do desemprego que atinge também a vida juvenil, a baixa escolarização e a falta de qualificação profissional e a própria faixa etária, são barreiras que dificultam o acesso ao mercado formal de trabalho. Ainda a baixa escolaridade, a falta de experiência e a pouca idade dos jovens tornam-se um alibi para os baixos salários.

Na pesquisa coordenada por Sallas (1999, p. 113) o desemprego juvenil é preocupante e está se tornando um fenômeno econômico corriqueiro em nossa sociedade, fato que preocupa e que deve, segundo a autora, ser objeto de discussões aprofundadas em termos de políticas públicas específicas para a juventude, assim como de uma tomada de consciência por parte da sociedade civil.

De acordo com os depoimentos dos jovens da EPPEMI, pode-se perceber que a falta de dinheiro e ocupação profissional os preocupa; as necessidades financeiras impedem a grande número de jovens que concluem o Ensino Médio

---

<sup>13</sup> Guimarães (2005) em seu texto "Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil?" afirma que a juventude brasileira ingressa no mercado de trabalho ainda na infância, o que mostra que o demarcador principal para a maioridade não é a idade biológica, mas a capacidade de assumir responsabilidades.

para depois irem para o mercado de trabalho. Quem não trabalha com algum vínculo, arruma dinheiro com os pais ou desempenha algum trabalho temporário e informal. A dificuldade para a obtenção de emprego está no grau de escolaridade e experiência. Parte dos jovens escolares da EPPEMI afirma que conseguiram o atual emprego através de jornais, parentes, amigos, indicação dos patrões dos pais, professores. Quanto ao salário/dinheiro que recebem, percebe-se que a maioria auxilia no orçamento familiar, sendo que, dos jovens que trabalham, sete jovens ajudam no orçamento familiar, cinco jovens auxiliam com uma parte de seu salário e apenas um jovem não utiliza o seu salário/dinheiro no orçamento familiar.

O que se evidencia nesse capítulo é que os jovens ao fazerem opção pelo curso de Informática da EPPEMI esperam através dele a garantia de ascensão social e a qualificação profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se até aqui evidenciar a voz dos jovens escolares da escola pública pesquisada do Ensino Médio Integrado na Região Metropolitana Norte de Curitiba (EPPEMI), buscando estabelecer relações concomitantes aos três níveis de análise apresentada por Willis (1991): o oficial, o pragmático e o cultural. Para isto, inicialmente trabalhamos com um grupo composto por dezessete jovens escolares que responderam um questionário, posteriormente, entre esses jovens, foram realizadas as entrevistas. Com estes instrumentos e com a análise dos documentos oficiais, como a Proposta do Ensino Médio Integrado da SEED/PR, o Projeto Político Pedagógico da EPPEMI, identificamos alguns elementos que nos permitiram refletir sobre as expectativas dos jovens no Ensino Médio Integrado da EPPEMI em relação à escola e ao mundo do trabalho.

A escola em que se desenvolveu esta pesquisa é receptora da maior parte dos jovens residentes no bairro em situações econômicas desfavoráveis que, inseridos em suas práticas cotidianas, ora reconhecem a escola como espaço de conhecimento e socialização, ora resistem aos estudos e à ordem estabelecida.

A experiência de realizar essa pesquisa no campo da educação permitiu entender que o “Trabalho” inclusive na infância é parte integrante do cotidiano desses jovens escolares, que se insere nas mais diversas formas e de modo informal.

Foi possível reconhecer as diferentes percepções que este grupo da EPPEMI tem em relação à sociedade em que vive e a instituição escolar.

Desse modo, a satisfação com o curso pode ser aferida pela aspiração que os jovens escolares têm em relação ao futuro, pois o curso escolhido, nesse caso o Ensino Médio Integrado, os capacita na área de Informática, requisito indispensável para a contratação em grande parte dos postos de trabalho. Pode-se confrontar a escolha do curso com a função que realizam, ou seja, os jovens pesquisados expressam insatisfação com a atividade desempenhada, mas alegam

que com o curso conseguirão empregos melhores. Se vincularmos trabalho e curso, poucos desempenham atividades ligadas ao campo da informática.

A essa insatisfação com o trabalho no tempo presente corresponde a expectativa de realização profissional e de melhoria financeira no futuro, após a conclusão do curso.

Quanto à avaliação do curso, há uma oscilação entre aqueles que estão satisfeitos e os que têm postura crítica. Os primeiros apontam como indicadores positivos as facilidades de acesso à escola localizada próxima de sua residência e que o curso oferece a garantia de um bom emprego e a preparação para o vestibular. Ressaltam ainda em seus depoimentos que o curso tem o compromisso com a formação humana dos alunos, compreendendo a escola como um espaço de socialização que requer a transmissão e apreensão dos conhecimentos científicos, tecnológicos e históricos sociais. Já as críticas relacionadas ao curso reportam-se à qualidade do ensino, à deficiência da biblioteca e do espaço físico, à falta de professores, ao excesso de aulas vagas, à carência dos equipamentos em funcionamento nos laboratórios, à ausência de tempo para se dedicarem ao curso, devido a atividade profissional que realizam no período diurno.

Por sua vez, a apreciação da EPPEMI é semelhante a do curso, notamos que os jovens escolares reconhecem a Escola como um espaço para discutir os interesses e problemas que cercam o universo juvenil e a destacam como um “local” que auxilia na formação humana, quando estes pensam em seu futuro, sobretudo, na inserção profissional. Assim, as características percebidas como positivas remetem ao fato desses jovens apostarem na Escola para sua qualificação profissional, para o acesso ao mundo do trabalho e a Universidade, reconhecendo dessa forma a expectativa de ascensão social. Enquanto que as críticas em relação à Escola tratam do acesso e da permanência na instituição de ensino.

Parte desses jovens é proveniente de famílias desprovidas economicamente e que necessitam viver suas relações com a Escola como jovens estudantes e trabalhadores, associando a dupla jornada, de estudar e de

trabalhar, visando obter um diploma. Ao buscar esta certificação, os jovens reconhecem a pouca valorização dos cursos freqüentados pela classe trabalhadora, demonstram um sentimento de impotência e medo diante do fracasso escolar e da não inclusão profissional. Vale lembrar que entre esses jovens há desigual distribuição do tempo investido no estudo, resultante da dupla jornada, que contribui para a evasão escolar. Esse início precoce dos jovens no mercado de trabalho, conforme relatos resultam da necessidade de contribuir com as despesas domésticas e do incentivo que recebem dos pais e mães para que se tornem trabalhadores, logo após a conclusão do Ensino Fundamental. Assim os dados das entrevistas revelam que os jovens incentivados pelos pais, iniciam o Ensino Médio Integrado conciliando seu tempo com o mercado de trabalho.

Dessa forma, notamos que o primeiro emprego é obtido pelos contatos pessoais, por relações de parentesco, prática bastante comum na sociedade brasileira. Como com o baixo salário que recebem têm de auxiliar nas despesas domésticas, porém esse acaba por não representar a almejada independência financeira, pois continuam dependendo financeiramente dos pais.

O distanciamento entre as políticas de democratização do ensino e a realidade escolar da população socialmente desfavorecida, no que se refere ao acesso e permanência no Ensino Médio, os avanços proporcionados pela extensão da escolaridade, pela ampliação das vagas nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, não se igualam no Ensino Médio. Houve uma democratização quantitativa, mas sem um significativo avanço qualitativo.

Assim, nos documentos oficiais, neste caso a proposta do Ensino Médio Integrado no Paraná ao assumir o compromisso com a formação humana e suas relações com as mudanças no mundo do trabalho, não atende as expectativas desses jovens, pois, a maioria da população juvenil em idade escolar no Ensino Médio no Paraná está excluída desse processo de formação. As ações de democratização quantitativa, através da ampliação de vagas, podem tornar-se ineficientes para tratar desse processo de exclusão dos jovens, se não forem acompanhadas de ações pedagógicas que superem os altos índices de evasão e repetência que fazem parte do cotidiano escolar. Neste conjunto, insere-se a

necessidade de direcionar melhor os investimentos financeiros suprimindo a falta de equipamentos e materiais, assim como a ampliação do espaço físico e dos acervos didáticos-pedagógicos, bem como dos investimentos de contratação e formação continuada dos profissionais da Educação.

Entretanto, o contato com estudos e pesquisas sobre a juventude demonstrou a importância de valorizar e trabalhar no processo de escolarização dos jovens temas que refletem a realidade da vida juvenil, suas formas de manifestações e principalmente as condições em que os escolares vivem a juventude e o mundo do trabalho, pois a idéia de Juventude ou de Juventude(s) é deturpada pelo mercado e pela mídia que apresentam um modelo de juventude que, muitas vezes, não expressa a verdadeira identidade da juventude brasileira.

Contudo, o grupo de jovens escolares da EPPEMI vivencia a sua cultura juvenil como os outros jovens de sua idade, mesmo conciliando desde criança as relações com o mundo do trabalho e a escola, agrupam-se também por afinidades, entre elas esportivas, religiosas e musicais. Cabe, enfatizar que situações de violência, drogas, medos, dúvidas, entre outros sentimentos e emoções são constantes nestes grupos como em outros grupos de centros urbanos, caracterizados pelo contexto cultural e social produzido.

No que se refere às perspectivas do “ser jovem” e “viver a condição de juventude”, os profissionais da educação da EPPEMI reforçam que os valores como responsabilidades, sentido de família, respeito aos mais velhos, tolerância, seriedade, entre outros, contrastam com a condição da juventude a qual, afinal, vivenciaram.

Dentre os limites encontrados na pesquisa sobre a temática da Juventude(s), apontamos o não reconhecimento da cultura juvenil por parte da Escola. Enquanto os profissionais da educação não reconhecerem e não contemplarem os elementos dessa cultura jovem, a Escola estará deixando de reconhecer esse jovem e deixando de ser para ele um espaço de referência, delegando esse poder a outros espaços que podem ser ou não educativos.

Assim, como a instituição escolar necessita compreender a noção de juventude como uma construção histórica e cultural, reconhece-se que esta

construção na realidade da juventude brasileira se estende para além da maioridade legal. Nos últimos anos as políticas públicas estão lentamente retratando essa população juvenil que se sente abandonada ao completar a maioridade. Atualmente ocorrem várias mobilizações de grupos de jovens em nosso país o que evidencia a preocupação com políticas públicas para a juventude, de direitos amplos em todas as esferas.

De acordo com os depoimentos os jovens escolares vivenciam cotidianamente situações de exclusão e lutam para conseguir uma certificação para tentar superar a desigualdade socialmente construída. Embora reconheçam que a posse de um diploma do Ensino Médio seja importante para conquistarem uma ocupação mais qualificada, vão dando-se conta também que este é insuficiente para promover a almejada mobilidade social.

Essa aspiração de melhorar a qualificação profissional, mediante a incorporação de novos conhecimentos, possíveis de serem adquiridos com um curso profissionalizante de nível médio, resulta da percepção desses estudantes trabalhadores de que o curso escolhido é insuficiente para conseguirem empregos melhor remunerados, para isso precisam do acesso à Universidade. Embora fazendo parte do horizonte desses jovens, o acesso ao curso de nível superior permanece como algo difícil de ser concretizado.

Para esses jovens escolares, o ingresso na Universidade é incerto, porém o fato de frequentarem o Ensino Médio Integrado, por si só, já é uma conquista e uma promessa de exercício de uma profissão qualificada.

Conclui-se que dentre as expectativas dos jovens a mais significativa refere-se a confiança depositada na Escola, embora a instituição escolar não proporcione o diálogo e não reconheça a condição juvenil, sendo este um dos desafios das instituições escolares na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane Ribeiro. Juventude, Exclusão e Educação. Movimento. **Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense**, Editora UFF, Rio de Janeiro, n.º 1, Maio 2000. p. 89-105.

BRASIL/MEC/CNE Lei n.º 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, que dispõe sobre a nova **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

Disponível no sítio: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>, acesso em: abr. 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 1978.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. Juventude, Grupos de Estilo e Identidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.º 30, dezembro 1999. p. 25-30.

FERNANDES, José Carlos, Minha Juventude por um Emprego, **Gazeta do Povo**, Curitiba, 10 fev. 2008.

FERREIRA, A. B. de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior**: Dicionário escolar de Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2005.

FRIGOTTO, G. Educação e a Construção Democrática no Brasil - Da Ditadura civil-militar à Ditadura do capital. In: FÁVERO, Osmar & SEMERARO, Giovanni. **Democracia e Construção do Público no Pensamento Educacional brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 53-67.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. & RAMOS, M (orgs). **Ensino Médio Integrado: Concepções e Contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

GOEDERT, Rosicler Terezinha. **A Cultura Jovem e suas relações com a Educação Física Escolar**. Curitiba, 2005. 148 p. Tese de Doutorado - UFPR.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. M. (org.) **Retratos da Juventude Brasileira**. Análises de uma Pesquisa Nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 149-175.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Ensino de 2.º Grau - O Trabalho como Princípio Educativo**. São Paulo: Cortez, 1992.

\_\_\_\_\_. **Ensino Médio.** Construindo uma Proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2001

PARANÁ, **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO** da EPPEMI - Escola Pública Pesquisada do Ensino Médio Integrado - no município de Colombo/PR: Mimeo, 2006. p. 198

PARANÁ, Secretaria de Educação do Estado do Paraná. **A educação profissional no Estado do Paraná.** DEP, 2005. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/institucional/dep/fc\\_educacao.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/institucional/dep/fc_educacao.pdf)>, acesso em abr. 2008.

PARANÁ, **REGIMENTO ESCOLAR.** EPPEMI - Escola Pública Pesquisada do Ensino Médio Integrado. Colombo: Mimeo, 2006.

SALLAS, Ana Luisa Fayet. **Os Jovens de Curitiba: Esperanças e Desencantos - Juventude, Violência e Cidadania.** Brasília: Edições UNESCO Brasil, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica.** São Paulo: Autores Associados, 1991.

SNYDERS, Georges. **A Alegria na Escola.** São Paulo: Manole, 1988.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. M. **Retratos da Juventude Brasileira.** Análises de uma Pesquisa Nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: Escola, Resistência e Reprodução Social.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

**ANEXOS****Anexo I : Questionário realizado com jovens do Ensino Médio Integrado**

Caro jovem,

Essa é uma pesquisa que estou fazendo pelo Curso de Especialização em Organização do Trabalho Pedagógico, da Universidade Federal do Paraná. Gostaria de sua colaboração, basta apenas responder as perguntas seguintes. Não precisa pôr seu nome (só se você quiser).

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data e local: \_\_\_\_\_

1 - Nome do Colégio \_\_\_\_\_

Série \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_ Turno \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ ( ) masculino ( ) feminino

2 - Com quem mora:

( ) pais ( ) esposo(a) ( ) parentes ( ) outros

3 - Ocupação dos pais (atividade profissional caso estejam trabalhando):

Pai: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

4 - Nível de escolaridade dos pais:

A) Seu Pai freqüentou a escola?

( ) Superior Completo ( ) Superior Incompleto ( ) Ensino Médio Completo

( ) Ensino Médio Incompleto ( ) Ensino Fundamental Completo ( ) Ensino

Fundamental Incompleto.

B) Sua Mãe freqüentou a escola?

- Superior Completo  Superior Incompleto  Ensino Médio Completo  
 Ensino Médio Incompleto  
 Ensino Fundamental Completo  Ensino Fundamental Incompleto

5 - Você trabalha:

sim  não  nunca trabalhei  atualmente estou desempregado(a)

6 - Que ocupação: \_\_\_\_\_

7 - O salário/dinheiro que você recebe é utilizado para ajudar no orçamento familiar?

sim  não  somente uma parte

8 - A renda mensal familiar é de:

- até quatrocentos e trinta reais;  
 até oitocentos e sessenta reais;  
 até mil duzentos e noventa reais;  
 mais de dois mil e duzentos e cinquenta reais;  
 mais de quatro mil e trezentos reais;

9 - O que é ser jovem?

10 - Quais são as suas atividades de lazer?

11 - Você possui um grupo de amigos(as)?

sim  não

12 - Em seu grupo de amigos(as) você se relaciona melhor com moças ou rapazes? Justifique:

13 - Esse grupo tem características próprias? Quais?

14 - Para que lhes serve a escola?

15 - Você optou cursar o EMI, no curso tal, porque:

- A)  O curso garante um bom emprego;
- B)  O curso prepara para o vestibular;
- C)  O curso prepara para o vestibular e garante um bom emprego;
- D)  Você escolheu este curso por ser a única opção;
- E)  O curso dispõe de um laboratório de informática e isso faz ele menos cansativo;
- F)  O curso tem o compromisso com a formação humana dos alunos, a qual requer a apreensão dos conhecimentos científicos, tecnológicos e históricos sociais;
- G)  Outro. Descreva:

16- E agora, neste percurso, o curso corresponde às expectativas anteriores?

sim  não. Justifique:

17- Com relação ao que o curso ensina e pretende formar e sua inserção no trabalho, você considera que a proposta do Ensino Médio Integrado atende as suas expectativas e necessidades?

sim  não. Justifique:

18- Você vivendo a condição de estudante e trabalhador entende que a proposta do E.M.I. possibilita:

- A) ( ) Acesso ao conhecimento científico, tecnológico e histórico social;
- B) ( ) Acesso ao mercado de trabalho;
- C) ( ) Acesso ao Ensino Superior;
- D) ( ) Atividades esportivas e de lazer;
- E) ( ) Viver a sua condição juvenil respeitando suas escolhas e seu jeito de ser.

19 - O curso possibilita a aprendizagem da teoria e da prática?

( ) sim ( ) não. Justifique:

20 - Você, enquanto jovem, concorda que: "Somente os que estudam têm alguma chance na vida". Justifique:

## **II - Roteiro de entrevista coletiva**

### **Apresentação**

1- Apresentação da pesquisadora e dos objetivos da pesquisa: o que pensam e fazem os jovens.

2 - Breve apresentação de cada membro do grupo:

3 - Você se preocupa com assuntos que afetam a sociedade na atualidade? Quais?

a) ( ) a falta de segurança;

- b)  a violência;
- c)  a falta de investimento nas áreas sociais como: saúde, educação, habitação e saneamento;
- d)  o empobrecimento das camadas populares;
- e)  o desemprego;
- f)  a corrupção na política;
- g)  em quem votar nas próximas eleições;
- h)  o seu ingresso na Universidade;
- Outro. Qual?

4 - Você utiliza espaços de participação para expressar seus questionamentos e reflexões. Quais?

- a)  movimento estudantil;
- b)  do grêmio estudantil;
- c)  de grupos musicais;
- d)  de grupos de teatro;
- e)  de algum partido político;
- f)  de atividades esportivas;
- g)  de grupos ligados a religião;
- h)  outro?

5 - Você começou a participar do grupo acima descrito através da escola?

sim  não

Caso não participe de nenhum grupo, justifique:

6 - Você possui um estilo de se vestir?  sim  não. Qual?

7 - Você curte determinado estilo musical?  sim  não. Qual?

8 - Sobre a escola:

- a)  tenho liberdade para opinar na elaboração do projeto político pedagógico;
- b)  acho que a escola se preocupa com o que o jovem pensa e sente;
- c)  acho que a escola está distante do jovem;
- d)  acho que a escola respeita o estilo de vestir, de música e a linguagem dos alunos(as)
- e)  acho que a escola é alheia aos interesses dos jovens

9 - Você trabalha?  sim  não

10 - Como você conseguiu esse emprego:(  através de jornais/anúncios de empregos;

- a)  através de amigos
- b)  através de parentes
- c)  outro

11- Na sua opinião o que dificulta hoje o acesso ao trabalho para o jovem:  
 grau de escolaridade  experiência  indicação

12 - Caso você não trabalha, como consegue dinheiro:  
 através dos pais  "bicos"  outros

13- Quais os sonhos que têm para suas vidas?